

Imaculada Conceição: qual é a doutrina tomista?

Prof. Dr. Paulo Faitanin -UFF



Nossa Senhora

1.Origem: Desde o século II orientou-se a reflexão da Igreja, radicada implicitamente na Escritura, para a declaração do dogma mariano da imaculada concepção de Maria. Sucessivamente até a Constituição de Sixto IV, *Cum praeexcelsa*, de 27/ 02/ 1477 foi intenso o crescimento da devoção à imaculada concepção. Já no *Concílio de Trento* com o Decreto *Ut fides*, de 17/06/1546 reforça-se tal declaração, embora a sua definição só se daria depois de alguns séculos, decretos e bulas, em 08/ 12/ 1854 com a Bula *Ineffabilis Deus* de Pio IX que pronuncia e define Maria isenta de toda mancha do pecado.

2. A Mariologia Tomista: Na época de São Tomás - Escolástica -, não havia ainda tratados específicos sobre Maria. Toda questão referente a Maria era tratada em Cristologia e, especificamente, no Mistério da encarnação: o *Verbo encarnado*. Por aquela razão, o estudo mariológico tomista não constitui um sistema à parte. O Aquinate considera o tema em diversas obras, mas em todas subordina a questão à Cristologia. As obras que oferecem uma maior abordagem são: *Suma Teológica* III,qq.27-35; *Comentários aos IV Livros das Sentenças*, III,dd. 3-5; *Contra os Gentios*, IV,cc.44-49; *Compêndio de Teologia*, cc.221-225 e os *Comentários ao Evangelho de Mateus*, c.1 e ao de João, c.2,lec.1. Abordamos aqui a *Mariologia Tomista*, a partir de quatro questões que o próprio Aquinate propusera na *Suma Teológica*, dando destaque, obviamente, à da concepção.

3. A Santidade de Maria: Sobre a santidade de Maria o Aquinate procura responder seis perguntas. Analisaremos as que se referem à santificação da Virgem, pois a partir delas chegamos à doutrina tomista acerca de sua concepção.

3.1. Tomás de Aquino pretende responder primeiramente a seguinte questão: *A Bem-aventurada Virgem mãe de Deus foi santificada no seio materno, antes de nascer?* A resposta do Aquinate é afirmativa. Tomás de Aquino refere-se de imediato ao fato de que a Igreja não celebraria a festa da *Natividade* da Bem-Aventurada Virgem se ela não fosse *santa* desde o nascimento. Portanto, se a Igreja celebra a festa de seu nascimento, significa que foi santa antes de nascer, ou seja, desde o seio materno [STh.III,q27,a.1, sed cont]. Ora, é plausível argumentar racionalmente favorável à santidade de Maria antes de nascer, se se considera

o testemunho das Escrituras como, por exemplo, o do Evangelho de Lucas [1, 28], quando o anjo lhe diz: *Salve, cheia de graças*. Ora, se a outros foi concedido o privilégio da santificação no seio materno como, por exemplo, a Jeremias [1,5] e a João Batista [Lc 1,15], porque não àquela que gerou o Filho unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade [Jo 1,14]? Daí concluir o Aquinate que é razoável crer que a Bem-Aventurada Virgem Maria foi santificada no seio materno antes de nascer [STh.III,q27,a.1,c].

3.2. Agora o Aquinate analisa esta: *Foi santificada antes de ser-lhe infundida a alma?* A questão poderia também ser colocada deste modo: *Maria foi santificada antes de sua animação, isto é, antes que fosse criada e infundida sua alma racional?* Tomás de Aquino responde dizendo que Maria foi santificada só *depois* de sua animação, ou seja, depois da criação e da infusão de sua alma racional no corpo gerado. Por quê? Porque a santificação significa, neste contexto, a purificação do pecado original. Mas a culpa do pecado original só pode ser purificada pela graça. Ora, o sujeito da graça é exclusivamente a alma racional. Portanto, ele conclui que Maria não foi santificada antes que lhe tenha sido infundida a alma racional, senão só depois de recebê-la [STh.III,q27,a.2,c]. Além do mais, acrescenta o Aquinate, se Maria tivesse sido santificada antes de receber a alma racional, ela não teria incorrido nunca na mancha do pecado original e, como conseqüência, não teria tido necessidade da redenção e da salvação trazidas por Cristo, além de não convir que Cristo fosse o salvador de todos os homens, como se diz na Primeira carta a Timóteo [STh.III,q27,a2,c]. A resposta do Aquinate àquela questão coloca em evidência que ele admitia *distinção e subordinação* entre a geração e a animação: a animação é princípio da infusão da alma racional no corpo [In IISent. d18, q2, a3, r5; CG., II, c57, n14;STh., III, q27, a1, a2; III, q33, a2, ad1 e 2] que ocorre depois de sua geração no ventre materno, mediante processo biológico, cujo nome é concepção [In IV Sent.d14,q1,a2, 1 ad2]. Será pautado nisso que ele dirá que em Maria o que é gerado ou concebido biologicamente precedeu à criação e infusão do espiritual, porque ela foi concebida, entenda-se gerada, primeiro na carne e depois santificada segundo o espírito [STh.III,q27,a.1,ad1]. Baseado em que doutrina o Aquinate admite a distinção e subordinação da animação à geração? Baseado na doutrina biológica de Aristóteles. Segundo o filósofo grego, apesar de o corpo ser gerado a partir da matéria herdada dos pais no ventre materno, a alma racional tem origem divina [Ethica Nich, X, 7, 1177a 15-20] independente do corpo [De generatione animalium, II, 736b 8-30] porque ela não resulta da mescla dos elementos dos corpos [De anima, I, 408^a-409b], pois advém desde fora e só se incorpora nele depois [De

animalibus historia, VII, 583b 1-5] por isso, ela não se subordina à corrupção [De anima, I, 4, 408b 18-20; 413^a 4; 413b 25].

Vejam algumas passagens onde o Aquinate admite a doutrina biológica de Aristóteles para explicar a geração humana: *segundo a fé é necessário afirmar que a concepção de Cristo foi simultânea... portanto, que a concepção de Cristo não preceda temporalmente a [disposição] da natureza de sua carne...sendo necessário que a consideremos ter sido simultânea, estabelecendo que ambas [a concepção da alma e da formação do corpo] fossem no instante...ou seja a sua animação. Nos demais, porém, isso se dá sucessivamente, de tal modo que não há a concepção da matéria senão no quadragésimo dia, tal como ensina o Filósofo no nono livro Acerca da geração dos animais [III Sent. d3, q5, a2,c] e: ...nesta geração do homem, em primeiro lugar, ocorre a soltura do sêmen... em segundo lugar, ocorre a conflagração da massa corpórea no útero da mulher. Deste modo se une o sêmen do macho com a matéria que subministra a fêmea, para a geração do homem e o mesmo ocorre com a geração dos outros animais... em terceiro lugar, ocorre a distinção dos órgãos, cuja consistência e o rubor é na verdade, pelos nervos e ossos, que são cobertos por carnes e pele... em quarto lugar, porém, é a animação do feto, especialmente com a alma racional que não é infundida senão depois da organização... e, por último, é porém a consecução da vida tanto no útero materno quanto fora dele, sendo parte desta conservação correspondente aos princípios naturais e parte correspondente aos benefícios que Deus acrescenta à natureza [In Job, c10].*

Mas ao admitir esta doutrina biológica o Aquinate teve de superar uma possível dificuldade metafísica de justificar sua tese da unidade da forma substancial na substância corpórea e afastar-se do que se instrui no documento *Donum vitae* I,1, que pautado no que ensina a biologia moderna, afirma que a concepção humana é instantânea e simultânea à geração do corpo. O Aquinate teve de superar uma possível dificuldade metafísica de justificar sua tese da unidade da forma substancial na substância corpórea, pois se a animação é subordinada à geração do corpo, a infusão da alma racional no corpo se dá somente quando o corpo já esteja formado, o que suporá a existência de alguma forma substancial preexistindo no corpo, do contrário sequer o corpo poderia ter sido formado. Ora, ou a forma do corpo gerado daria lugar a alma racional - que é forma substancial - criada e infundida no corpo, ou todas elas - a que já existia e a forma que foi criada e infusa, depois da geração do corpo - coexistiriam num mesmo corpo. Mas se coexistissem, ao mesmo tempo, no mesmo corpo, cairia por terra a doutrina da unicidade da forma substancial no corpo, tese que o Aquinate sempre defendeu. Do que se segue, que o Aquinate admite que a infusão da alma racional suponha a corrupção da última forma substancial preexistente no corpo [STh I q118 a2 sol], pois é impossível a existência de múltiplas formas

substanciais no corpo [STh I q76 a3 sol]. Por isso, afirma Tomás que não é possível que no homem exista outra forma substancial que a sua alma racional [STh I q76 a4 sol].

4. Conclusão: Ao admitir a doutrina da geração humana proposta por Aristóteles que estabelecia que a geração fosse anterior à animação do corpo, o Aquinate, admitindo tal doutrina, seria levado a concluir que a santificação de Maria só poderia ter sido posterior à geração do corpo, já que a santificação supunha a animação e a animação a geração do corpo. Neste aspecto, a doutrina biológica aristotélica, admitida pelo Aquinate, comprometeu parcialmente a exposição e demonstração de sua teoria metafísica. Tomada por sua fundamentação biológica, a exposição do Aquinate distancia-se do que hoje defende e define a embriologia e do que promulgou a referida Bula que já se aproximava da definição biológica de nossos dias. *E quanto a teoria metafísica do Angélico é possível sustentar que Maria foi santificada no mesmo instante de sua animação? Colocada ainda de outra maneira: é plausível supor no contexto tomista que a santificação da alma foi simultânea ao instante de sua infusão no corpo?* Biologicamente, sua resposta distanciar-se-ia do publicado na Bula *Ineffabilis Deus* de Pio IX de 08/12/1854 que declara, proclama e define que a Beatíssima Virgem Maria, no primeiro instante em que foi concebida, foi preservada imune de toda mancha do pecado original. Metafisicamente, sua resposta apresenta dois caminhos: (a) conciliável: este caminho não se distancia nem da Biologia moderna nem do que foi promulgado na Bula, na medida em que metafisicamente é possível sustentar a simultaneidade do instante da geração, criação, infusão e santificação; neste aspecto sua doutrina estaria de acordo com o que se define na Bula; mas o Aquinate expôs sua doutrina pautada na herança da biologia aristotélica e neste seguimento sua exposição metafísica fica comprometida por causa de seu entrelaçamento com a doutrina biológica; (b) inconciliável: este caminho supõe a referida doutrina biológica, pois em Maria o que é gerado ou concebido biologicamente precedeu à criação e infusão do espiritual, porque ela foi concebida, entenda-se gerada, primeiro na carne e depois santificada segundo o espírito [STh.III,q27,a.1,ad1]. E por causa disso, o Aquinate sustentara que a Virgem contraía o pecado na animação e só foi purificada dele antes de nascer do seio materno [STh.III,q27,a2,ad2]. Ora, se contraiu no instante da animação, foi porque a carne manchada pelo pecado precedeu no instante à animação. Fica claro aqui que o Aquinate está supondo a doutrina aristotélica de que a geração antecede à animação. Seguindo a exposição aristotélica, tomada na época como a explicação da geração humana, Tomás é levado a concluir que Maria teria sido purificada somente num instante posterior à animação,

portanto, não no mesmo instante da criação e infusão de sua alma racional no corpo. E se perguntarmos: *em que instante foi santificada?* Quanto à santificação o Aquinate não determina se foi no instante imediatamente posterior à animação ou se muitos instantes depois, porque se ignora em que momento foi santificada [STh.III,q27,a2,ad3].

A doutrina Tomista é completamente contrária ao que se definiria no dogma da Imaculada conceição de Maria? Não! A doutrina Tomista não se opõe no essencial ao dogma, quanto à compreensão de que só é possível a santificação quando da animação. Ao afirmar que a santificação da Bem-Aventurada Virgem só se realizou depois de receber a alma [STh.III,q27,a.2,c] ele nem depõe nem se distancia do que se proclamou como dogma na Bula, pois tanto sua doutrina quanto a definição da Bula supõe que para dar-se a santificação é suposta a alma. Distanciam-se quanto ao instante em que se dá tal santificação: a Bula define simultaneidade de instante entre geração, animação e santificação e o Aquinate não, embora admita a possibilidade metafísica de tal simultaneidade. Alguém poderia perguntar: *admitida a distinção de instantes entre geração e animação, por que o Aquinate não admitiu a simultaneidade entre a animação e a santificação, já que ele definiu que a santificação foi em instante posterior à animação?* Ora, admitida a distinção de instantes entre a geração e a animação, seria incoerente que admitisse simultaneamente a santificação da alma, pois seria admitir que num mesmo instante a alma fosse manchada e santificada ao mesmo tempo, o que é contraditório. Admitida que a geração do corpo se desse num instante e que a criação e a infusão da alma se desse num outro, não caberia afirmar senão que a santificação se daria num instante posterior à geração e à animação. E foi o que o Aquinate propôs, pois sua exposição, fundamentada na doutrina biológica aristotélica, supõe haver diferenciação entre o instante da geração, da animação e da santificação. Por isso, sustenta que a santificação não foi instantânea à animação. Quanto à visão metafísica o Aquinate não se opõe à doutrina da imaculada conceição, mas dela se distancia ao apresentar a concepção da Virgem Maria segundo o modelo da biologia aristotélica que separava a geração, a animação e a santificação.